

A AUTORA

Lia Tomás

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Professora de Estética Musical e História da Música na UNESP-Instituto de Artes (SP).

E-mail: liatomas@sti.com.br

IMPASSES NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

A música popular brasileira é considerada como uma das maiores expressões da cultura nacional. A diversidade de estilos e ritmos – fruto da miscigenação entre as culturas indígena, negra e européia – possibilitou a projeção de inúmeros artistas dentro e fora do cenário artístico local. No entanto, essa mesma música, que teve movimentos¹ importantes tais como a Bossa Nova e a Tropicália nos anos 50/60 e 70 respectivamente, de alguns anos para cá começou a sinalizar um esgotamento criativo, apresentando aos nossos olhos (e, sobretudo, ouvidos) uma produção empobrecida, cuja

melodia e léxico se renderam a certos ditames do mercado fonográfico.

Como tentativa de recuperação deste momento de crise, a Rede Globo de Televisão promoveu, em meados de 2000, o Festival da Música Brasileira, uma revivescência dos antigos festivais² dos anos 60/70, cujas revelações apresentadas à época ainda hoje ocupam um lugar de destaque no panorama musical.

Mesmo podendo ser considerada louvável a iniciativa desta emissora, problemas de ordens diversas rondaram a cobertura do evento, trazendo à baila uma vez mais questões que ultrapassam o evento

1. Os movimentos musicais das décadas de 50, 60 e 70 trouxeram contribuições fundamentais para a Música Popular Brasileira. A Bossa Nova, nas décadas de 50/60, reavivou e reformulou as formas musicais brasileiras. O samba do morro foi substituído pelo trio de bossa, com harmonias dissonantes de jazz, aperfeiçoadas em arranjos instrumentais e vocais. Dentre muitos artistas da Bossa Nova, destacam-se João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Nara Leão. A Tropicália aparece no final dos anos 60, período de grande agitação política no País, incorporando à música popular os sons das guitarras elétricas. Musicalmente este movimento incorporava as novidades da música *pop*, sobretudo dos Beatles. Ao mesmo tempo, Caetano e Gil misturavam o erudito ao popular, com os arranjos musicais do Maestro Rogério Duprat. (N. Ed.)

2. Os saudosos Festivais da MPB tiveram início em 1965 (I Festival), na TV Excelsior. *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, na voz de Elis Regina, foi a canção vencedora. A partir de 1966 estes festivais passam à TV Record, organizados por Solano Ribeiro, revelando importantes artistas da música popular brasileira como Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Grande contribuição à MPB deu também o programa da TV Record, *O fim da bossa*, apresentado por Elis Regina e Jair Rodrigues. A Rede Globo, paralelamente ao Festival de Música Popular Brasileira, organizou, de 1966 a 1970, cinco festivais internacionais da canção. (N. Ed.)

em si. As matérias publicadas nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde já apontavam, sem sombra de dúvida, uma dubiedade quanto à intenção do evento, pois a tônica de seus objetivos sempre oscilava entre razões comerciais (no caso, uma saturação mercadológica) e uma necessidade de renovação estética como meio de manutenção do próprio gênero música popular.

Em outras palavras, constatou-se que nos últimos anos (desde o final da década de 80), as surradas variações do sertanejo meloso, do pagode industrial, da *brega-music* (ou *breganojo*) e as incontáveis vertentes da genericamente denominada *axé-music* já não estavam mais respondendo às expectativas financeiras da indústria fonográfica.

Nos últimos anos, a mídia apostou em uma música que se revelou vazia, pobre e redundante.

Incentivou uma produção homogênea e padronizada, cuja maior preocupação foi tornar qualquer música mais *pop* (ou melhor, mais radiofônica e televisiva), portanto, vendável. Dentro deste contexto nasceu a iniciativa de se promover um evento de cunho nacional, no qual se pudesse mapear gostos e tendências e, assim, trazer novos ares a esse impasse.

RESULTADO BANAL

Para compor a organização do evento, chamou-se Solano Ribeiro, personalidade importante na área devido à sua expe-

riência de 35 anos em festivais de música. Da mesma maneira, o corpo de jurados contou com a participação de jornalistas, críticos e músicos capacitados para se evitar qualquer partidarismo. Das quase 24 mil inscrições iniciais, foram selecionadas 48 músicas. Divididas em quatro eliminatórias, foram selecionadas três canções por etapa, chegando-se às doze canções finalistas. Entre os critérios adotados pelo júri, destacaram-se a ênfase em autores e intérpretes desconhecidos e a diversidade de estilos musicais, tais como valsa, experimentações *pop*, *rap*, *heavy metal*, tambor de crioula, samba autêntico, *rock*, entre outros.

Pelo resultado do festival, cuja final ocorreu em 16 de setembro de 2000, a resposta em termos de audiência, a recepção do público mediante as músicas classificadas e a declaração do próprio Solano Ribeiro – a vencedora foi um “*rock* pobre”³ –, parece que não foi ainda desta vez que se conseguiu dar uma guinada na precária situação atual.

Em termos de audiência, apesar da megaprodução no Credicard Hall de São Paulo, a Rede Globo não conseguiu se aproximar dos telespectadores, pois os índices de audiência empataram ou privilegiaram sua concorrente direta, o SBT. O público que se deslocou até o evento, em sua maioria amigos e familiares dos participantes, mostrou-se frio e pouco animado: a suposta *vibração* da platéia só acontecia quando os entrevistadores se aproximavam para recolher suas impressões subjetivas. Vale dizer ainda que a própria fórmula adotada para arejar a mesmice em que se encontra hoje nossa música popular,

3. FOLHA DE S. PAULO. 18/09/2000, Caderno Cotidiano, p. 4.

revivendo os festivais, talvez não tenha mais sentido, pois nos idos anos 60 e 70 passávamos por um momento de censura e de repressão política que precisava de espaço para a manifestação dos movimentos culturais existentes.

No entanto, o comentário de Solano Ribeiro e a recepção do público quando o resultado foi divulgado (vaías generalizadas) apontaram, de certa maneira, alguns pontos fundamentais para o estado em questão: a falta de repertório cultural (geral) e musical (em particular) do público e dos concorrentes, a falsa e antiquada idéia de que tudo o que é divulgado pela mídia tende a ser *bom* e a possibilidade de uma ascensão meteórica na *suposta* carreira artística, o que poderia assegurar uma certa estabilidade econômica futura. Esses ingredientes somados formam um círculo perverso que, em última instância, revelam o descaso e a falta de interesse e compromisso do Estado para com a educação em geral e, ao mesmo tempo, revelam submissão de critérios educacionais e culturais aos *famosos* critérios do mercado.

EDUCAÇÃO ARTÍSTICO-MUSICAL

Haveria, no entanto, uma solução imediata para este impasse? A curto e médio prazo sabemos que não. Antes de se obter uma reviravolta na produção da música popular brasileira, para que novos talentos despontem, mantendo a tradição qualitativa e articulada de nossa música, é necessário que se desenvolvam, pelo menos, um certo equilíbrio e ações de parceria entre os meios de comunicação (sobretudo entre a televisão e o rádio), a indústria fonográfica e a educação, principalmente no

que tange à educação artístico-musical.

Portanto, continuar apostando somente na intuição musical espontânea do brasileiro sem oferecer uma certa formação específica e parâmetros estético-musicais para que se possa obter julgamentos de valor; sem possibilitar a existência de um espaço midiático no qual seja promovido o contato inteligente com a produção musical (incluindo-se aí tanto a música erudita quanto a música popular nacional e internacional); sem melhorar o nível intelectual dos idealizadores, produtores e apresentadores dos programas veiculados nas televisões e rádios; sem estabelecer limites entre as demandas do mercado e sua manipulação nos meios de difusão, compromete-se sensivelmente o futuro desta expressão cultural que nos é tão importante.

Voltando à questão do Festival da Música Brasileira, torna-se evidente que não se poderia esperar que após tanto tempo de clonagem auditiva pasteurizada, surgisse de modo inusitado uma nova safra de Chicos, Caetanos e Gils, entre outros. Nem, tampouco, que não houvesse a supremacia de interesses comerciais de patrocinadores e gravadoras, em detrimento da qualidade musical. Mesmo assim, o resultado demonstrou para todos os envolvidos que as perdas estão ocorrendo sem discriminação: todos perdem. E que se houver um real interesse em modificar esse quadro, minimizando o oportunismo de uma ou outra vertente envolvida, talvez se possa descobrir uma coisa extraordinária: a boa música, assim como a boa literatura, as artes plásticas e o cinema também podem vender.

Resumo: A autora trata da iniciativa da Rede Globo de televisão de tentar reviver os grandes Festivais da Música Popular Brasileira, das décadas de 60 e 70, promovendo, em setembro de 2000, o seu Festival de Música Brasileira. Segundo os organizadores, o objetivo era o de mapear gostos e tendências para trazer novos ares ao impasse de saturação dos modelos mercadológicos criados pela indústria fonográfica. A autora critica os resultados alcançados, salienta a necessidade de se investir na formação artístico-musical e de se estabelecer limites entre as demandas do mercado, sua manipulação nos meios de difusão e o que se quer para o futuro da música, expressão cultural tão importante para nosso país.

Palavras-chave: música popular, Festival, Rede Globo, educação artístico-musical

Abstract: The author writes about Rede Globo television's initiative to try to revive the major Brazilian Popular Music Festivals, common in the 1960's and 1970's, by promoting, in September 2000, its Brazilian Music Festival. According to the organizers, the objective was to map interests and tendencies in order to bring new airs to the impasse created by the market model saturation created by the phonographic industry. The article criticizes the results that were reached and stresses the need there is to invest in new artistic and musical teaching and to establish the limits between market demands. It also considers diffusion mean manipulation and what is hoped for the future of musical and cultural expression, so important for the country.

Key words: popular music, Festival, Rede Globo, artistic and musical education